

1 Introdução

Este trabalho tem como objeto o processo de produção e reprodução do espaço relacionado às “novas” tendências de organização do trabalho na indústria têxtil de confecção de moda íntima do município de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro, a partir da década de 1980, quando esse espaço é apropriado por uma heterogeneidade de formas de organização das atividades produtivas ligadas ao ramo de confecções, em que se expande principalmente o trabalho feminino realizado em domicílio. Enfocaremos a importância da mulher e do trabalho em domicílio na organização desse espaço produtivo.

Até o início da década de 1980 as indústrias de confecções de grande porte - baseadas na centralização e na produção em massa, típicas do modelo fordista de produção - predominavam em Nova Friburgo. No entanto, após a crise do final da década de 1970 e ao longo da década de 1980 as indústrias baseadas nesse modelo começaram a diminuir sua produção e dispensar mão-de-obra. Com o crescimento do desemprego na região, a população local começou a transformar uma antiga prática de produção domiciliar de peças íntimas (cujo objetivo era a obtenção de uma renda extra) em principal atividade para produção de renda da família.

Emerge na região uma “nova” forma de organização do trabalho informal para gerar renda para os desempregados, baseada em formas “antigas” de organização do trabalho, característica de períodos pré-industriais, que são as unidades produtivas em domicílio. A produção de moda íntima de Nova Friburgo passa a ser majoritariamente composta por micro e pequenos produtores, que fazem do espaço de reprodução familiar também um espaço produtivo. As relações de trabalho que predominam nesse tipo de produção são bastante heterogêneas e ganham força no atual cenário produtivo, sendo apropriado pelo capital como uma das alternativas para sua reprodução, pois atende, em certa medida, a modelos mais flexíveis de produção e de relações de trabalho. Esse processo resultou no surgimento e expansão de pequenos negócios no ramo de confecções de *lingerie* em nosso recorte espacial.

Em 1997, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizou um estudo contratado pela FIRJAN e SEBRAE sobre as potencialidades socioeconômicas do Estado do Rio de Janeiro, que identificou a produção de moda íntima de Nova Friburgo e Região como um APL (Arranjo Produtivo Local)¹. Outros estudos contratados pela FIRJAN e SEBRAE foram realizados, mais especificamente sobre a produção de moda íntima, com o intuito de organizar o conjunto de micro e pequenas empresas, tendo como exemplo os distritos industriais italianos. Tais estudos comparavam o que ocorria em Nova Friburgo com um fenômeno localizado na região central e no nordeste da Itália, a chamada Terceira Itália, quando nas décadas de 1970 e 1980 estudiosos identificaram uma área dinâmica de pequenas empresas e oficinas, que contrastava com a produção de massa em grande escala do norte industrializado da chamada Primeira Itália e do sul economicamente subdesenvolvido da Segunda Itália.

Na Terceira Itália, pequenas oficinas e fábricas, que empregavam de 5 a 50 funcionários, formaram um importante núcleo produtivo. A maior parte desses estabelecimentos produtivos possuía base familiar, ou seja, eram compostos por trabalhadores que tinham alto grau de parentesco e/ou vizinhança entre si. Segundo Brusco (1989), a principal característica da produção na Terceira Itália era a descentralização produtiva e a integração social, e apesar das tradições artesanais, quase todas as oficinas e fábricas usavam ferramentas de tecnologia moderna. Ocorria, também, uma divisão mais flexível do trabalho, em que a concepção e execução reuniam-se através da colaboração entre empresários, projetistas, engenheiros e operários. As empresas estavam integradas horizontalmente e possuíam um modelo diferente do tradicional de pequenas empresas e sistemas tradicionais de subempregadas. Autores que defendem a Terceira Itália, como Brusco (1989) e Sabel (1989), por exemplo, afirmam que o papel da comunidade local como um todo - tanto em seus aspectos econômicos

¹ Conceito de APL (Arranjos produtivos locais) (segundo RedeSist e utilizado pelo SEBRAE): “O conceito de APL pode ser associado a aglomeração espacial de agentes econômicos, políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas e que apresenta vínculos e interdependência. Por meio desses vínculos, origina-se um processo de aprendizagem que possibilita a introdução de inovações de produtos, processos e formatos organizados, gerando maior competitividade para as empresas integradas ao arranjo. A formação de APL encontra-se associada a trajetórias históricas de formação de vínculos territoriais (regionais e locais), a partir de uma base social, política e econômica comum”. (<http://www.mundosebrae.com.br/2011/09/o-que-e-um-apl/>)

como políticos - era intenso, apresentando certa tradição de desenvolvimento local. Esse projeto de desenvolvimento local incluía: políticas de pólos industriais de baixo aluguel, estímulo ao treinamento de mão-de-obra, empréstimos a juros baixos, isenções fiscais favoráveis e estrutura de serviços sociais para os trabalhadores e suas famílias.

Apesar de algumas semelhanças e de serem pesquisas importantes, o que vem ocorrendo na produção de moda íntima de Nova Friburgo não pode ser diretamente associado ao caso da Terceira Itália, pois são frutos de realidades políticas, econômicas e sociais diferenciadas, mesmo fazendo parte dos mesmos processos de reestruturação mundial. Além disso, ao contrário do que pode parecer, o fenômeno italiano, assim como a evolução da produção em domicílio de Nova Friburgo, não são resultados de desenvolvimentos espontâneos, pois uma série de valores, objetivos e políticas influíram em seus crescimentos. Nesse sentido, Kumar (1997) ressalta que os críticos da Terceira Itália afirmam ser esse processo uma estratégia para recuperar o controle sobre a força de trabalho, na medida em que, com a descentralização da produção e a adoção do regime de empreitadas, é possível escapar de atender leis trabalhistas mais rígidas conquistadas pelos operários no início da década de 1970. Segundo esses críticos, a Terceira Itália não é em essência um fenômeno de pequenas empresas independentes, organicamente ligadas à comunidade local, mas uma criação do capitalismo em grande escala, que enfrenta os desafios do trabalho organizado nos anos pós-Segunda Guerra. Apesar das diferentes realidades, essa crítica também deve ser levada em consideração ao analisarmos Nova Friburgo.

Em Nova Friburgo, em paralelo aos estudos para a implementação do APL, aumentou a necessidade de constante investimento em novas tecnologias, assim como na Terceira Itália. O mercado consumidor, que antes era restrito à compra direta e às “sacoleiras” (mulheres e homens que compravam os produtos para revender em suas cidades), passou a ser mais amplo e exigente. As peças, atualmente, além das tradicionais “sacoleiras”, são vendidas para “magazines” e até butiques nos grandes centros, expandindo também à exportação. Percebemos, no entanto, que esse avanço tecnológico e destaque (além do local) não atingiram todos os produtores, resultando também na expansão da terceirização, precarização e informalidade. Mescla-se, de um lado, uma minoria de trabalhadores e produtores artesanais multiespecializados e, de outro, uma imensa

“periferia” de trabalhadores casuais e sem especialização, sendo altamente explorados.

Nesse sentido, percebemos, através de trabalhos de campo e entrevistas com os diversos atores responsáveis por essa “nova” realidade friburguense, que há uma intensa contradição entre as políticas de governo de tentar transformar a produção local em um APL de moda íntima a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000 e a realidade local. Os trabalhadores, em geral, e a grande maioria dos pequenos produtores não se veem como um polo, não há cooperação entre eles. Ou seja, o Arranjo Produtivo Local ou o polo de moda íntima de Nova Friburgo é mais uma organização institucional e teórica do que uma prática para a população local, pois esses projetos são restritos a uma minoria de produtores já estabilizados na produção de *lingerie* de Nova Friburgo. Tais projetos de inserção no mercado nacional e mundial, financiados pelo BID e outras instituições, atingiram poucos produtores e não repercutiu em melhorias diretas para a população local.

Em visita recente a Nova Friburgo para a elaboração desta dissertação, nos foi relatado por diversos entrevistados, com muito pesar, o enfraquecimento do “polo” de moda íntima. Além de muitos produtores e trabalhadores terem sofrido com as repercussões das enchentes e deslizamentos de terra em Janeiro de 2011², o processo de precarização e a expansão das facções já vinham aumentando desde a saída dos investimentos do BID em 2006. Percebemos, assim, que essas políticas públicas de tentativa de organizar um APL na região expressaram o interesse do mercado, dos atores globais, da ordem distante, que não necessariamente condizem com os interesses da maior parte da população e trabalhadores locais. O discurso institucional do APL e do polo de moda íntima não necessariamente representa a real importância desse espaço extremamente contraditório da produção em condições precárias de *lingeries* em Nova Friburgo.

² Em janeiro de 2011, enchentes e deslizamentos de terra atingiram o estado do Rio de Janeiro. As cidades mais afetadas foram Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto, na Região Serrana do estado. Aproximadamente 10 dias após o incidente, os serviços governamentais contabilizaram 916 mortes e entorno de 345 desaparecidos. Foram cerca de 35 mil desalojados em consequência do desastre. A tragédia foi considerada como o maior desastre climático da história do país. Segundo informações da Secretaria de Estado da Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro aproximadamente 428 pessoas morreram em Nova Friburgo, 382 em Teresópolis, 71 em Petrópolis, 21 em Sumidouro, 4 em São José do Vale do Rio Preto e 1 em Bom Jardim, e muitas ainda estão desaparecidas. (<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/2011>)

Por esse motivo, apresentaremos os efeitos dessa produção institucionalmente organizada, mas não enfocaremos nossa análise na formação ou organização do pólo (APL), mas sim nos processos de construção desse espaço produtivo da moda íntima friburguense.

De qualquer forma, podemos afirmar que as transformações que ocorrem na organização produtiva e reprodutiva em Nova Friburgo, assim como na Terceira Itália, não são fatores isolados, pois a sociedade como um todo tem passado por intensas modificações no campo político, social, cultural e econômico. Desde os últimos anos do século XX, o modo de produção capitalista tem passado por profundas transformações que resultam de estratégias do capital para responder a crise de rentabilidade e valorização que se ampliou a partir da década de sessenta, frente à regulamentação taylorista/fordista. Em resposta a essa crise estrutural, o capital desenvolveu uma reestruturação do processo produtivo, em que formas mais flexíveis de produção, baseadas na inovação tecnológica e novas formas de gestão da produção e do trabalho foram estimuladas. Como afirma Kon (2005), esse processo de reestruturação produtiva se ampliou, a princípio, nos países desenvolvidos e difundiu-se de forma mais lenta para os países em desenvolvimento, resultando e sendo resultado das transformações tecnológicas, das condições de mercado e das características das empresas, que visavam restaurar a competitividade industrial. Nesse sentido, mesmo que de forma mais tardia, Nova Friburgo participou dos efeitos dessas mudanças na estrutura produtiva mundial. Esse fenômeno se manifestou mais intensamente no município através da criação dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) em meados dos anos 1990.

Existem diversas teorias sobre as transformações em curso, principalmente a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980. Diversos estudiosos destacam o surgimento de uma sociedade “pós-industrial, pós-fordista, pós-modernista, de uma sociedade de informação, da expansão de uma especialização e produção flexível e até um neo-fordismo” (Kumar, 1997, p. 50). Como afirma o autor, essas análises possuem semelhanças e diferenças, mas o interessante é que todas ressaltam que a sociedade ocidental contemporânea tem passado por transformações que envolvem a evolução da tecnologia de informação, a globalização e a descentralização e diversificação produtiva, fazendo com que essas mudanças no regime de acumulação e o modo de

regulamentação social, política e econômica capitalista tenham efeitos diretos no mundo do trabalho e na produção do espaço em diversas escalas. Nesse sentido, esse conjunto de alterações afeta diretamente as relações no interior do processo produtivo, as exigências de qualificação da mão-de-obra, o conteúdo e a divisão do trabalho, além do universo da classe trabalhadora. Segundo Neves (2000), a qualificação da mão de obra nesse “novo” contexto ocorre para trabalhadores, geralmente masculinos que estão situados nas empresas de ponta da cadeia produtiva; nesse caso, exige-se um perfil dinâmico e polivalente. No entanto, para a maior parte dos trabalhadores- em especial trabalhadores femininos- a introdução no processo produtivo ocorre ao longo da cadeia produtiva, utilizando trabalho precarizado e contratos temporários que visam reduzir custos.

Percebemos que as transformações na estrutura da sociedade contemporânea podem orientar nossa análise, visto que a produção de moda íntima de Nova Friburgo sofreu diretamente a influência dos fenômenos reestruturantes do capital, ao mesmo tempo em que as características locais particularizaram tais mudanças. As relações de trabalho decorrentes dessas transformações em Nova Friburgo passam a ser baseadas na intensa exploração do trabalho feminino (produtivo) realizado em domicílio.

A divisão sexual do trabalho submeteu a mulher a uma intensa jornada, pois a mulher tanto tinha sua força de trabalho altamente explorada na fábrica, como era peça fundamental para manter a reprodução familiar. Como afirma Nogueira (2006), o espaço de reprodução social é uma caricatura do mundo produtivo. Sendo assim, o trabalho doméstico (predominantemente realizado por mulheres) sempre garantiu a reprodução e manutenção da classe trabalhadora para o capital, “domesticando” o trabalhador, e nesse sentido, o trabalho produtivo em domicílio, com o falso ideal de mais liberdade, intensifica esse papel. Concordamos com o autor quando afirma que para ocorrer a realização dentro do trabalho (para o sentido da vida nele se expressar) é necessário que seja verdadeiramente autodeterminado, autônomo e livre, porque, só assim, ele ganha sentido. Mas a “autonomia” do atual trabalho em domicílio não gera essa liberdade, pois é apenas uma forma disfarçada do antigo trabalho assalariado, com, no entanto, uma maior carga de precarização e exploração.

É importante ressaltar que no capitalismo moderno há uma intensa aceleração no ritmo dos processos econômicos e, conseqüentemente, da vida

social. Além disso, essa tendência não é contínua, pois ela passa periodicamente por crises. As diferentes reações sociais, nesses momentos de crise, podem resultar em possíveis mudanças da ordem social vigente, a favor ou contra o próprio trabalhador. O desenvolvimento - no início da década de 1980 - da produção de moda íntima de Nova Friburgo em domicílio foi uma ação (re)organizada na escala do *espaço vivido* (no âmbito do lugar), mas que ocorreu devido a pressões decorrentes de uma *ordem distante* (crise estrutural do capitalismo). Essa reorganização da produção foi uma estratégia da população para sobreviver em tempo de crise, que serviu, em alguma medida, para a reprodução do capital. A apropriação dessa reorganização se deu de forma mais intensa quando se iniciaram as pesquisas sobre a produção local e se buscou, através de políticas de governo, implantar institucionalmente um Arranjo Produtivo Local na região. A ordem distante passou a interferir diretamente na organização e gestão do espaço produtivo da moda íntima de Nova Friburgo. Os agentes verticais (da ordem distante) passaram a impor regras e a estimular estratégias que favorecem a poucos e não necessariamente condizem com a realidade diretamente vivida.

Nesse contexto de transformações, identificamos a necessidade de problematizar o fenômeno que ocorre na produção de moda íntima de Nova Friburgo, questionando qual a influência desses processos nas condições de vida dos trabalhadores das confecções e da população local em geral. Ou seja, como o incentivo a esse discurso de desenvolvimento de um APL tem real importância para os trabalhadores que de fato sustentam a produção de moda íntima de Nova Friburgo? Além disso, investigar: quais tipos de relações de trabalho se desenvolvem na produção da região? Quais as influências dos diversos atores locais e globais envolvidos nesse processo? Quais as consequências da intensificação da precarização da mão de obra no setor? Como se organiza o trabalho em domicílio? Qual a importância e o papel da mulher nesse contexto? Como ocorre a íntima relação da informalidade em um dos setores que mais influenciam no crescimento do PIB municipal? Esses são alguns dos muitos questionamentos que nos levaram a pesquisar a produção de moda íntima na região.

Na tentativa de responder esses questionamentos, temos como objetivo analisar e compreender a influência dessas transformações nos processos construtores desse espaço denominado moda íntima de Nova Friburgo. Além de

investigar como as mulheres trabalhadoras têm incorporado e vivido tais transformações, e quais as possibilidades para um “desenvolvimento” mais socialmente justo, onde possa ocorrer uma verdadeira gestão coletiva do espaço.

Entendemos que a simples adoção de modelos fechados e pré-fabricados em outras realidades podem não ser soluções para a nossa, ou qualquer outra realidade. Os projetos destinados à produção de moda íntima de Nova Friburgo devem direcionar as medidas políticas para que seu “desenvolvimento” seja feito a favor da população e não somente para atender as necessidades do mercado. A tendência atual para o mundo é a união verticalizada dos lugares, contudo a união horizontalizada que não esteja restrita ao serviço do mercado pode se reverter em benefício para a sociedade civil, configurando-se como uma forma de resistência à perversa estrutura atual das relações de trabalho.

Para atingir nossos objetivos estruturamos a nossa pesquisa em três capítulos.

No primeiro capítulo, “As transformações contemporâneas no mundo do trabalho e do trabalho em domicílio”, faremos um breve resgate histórico das mudanças no sistema de produção capitalista, destacando as transformações em seu regime de acumulação e em seu modo de regulamentação. Nesse contexto, apontaremos as principais tendências no mundo do trabalho, decorrentes dessas mudanças na sociedade. Para embasar essa discussão, utilizamos como principais interlocutores: Karl Marx (1977, 1998), Krishan Kumar (1997), Denis Collin (1998), Friedrich Engles (1998, 2004), Mirian Di Toni (2003), Ricardo Antunes (2004, 2009), David Harvey (2007), Claudia Mazzei Nogueira (2006) e Milton Santos (2008).

Como nosso recorte empírico está intimamente relacionado ao trabalho em domicílio, daremos (ainda no primeiro capítulo) uma ênfase maior a esse tipo de relação de trabalho que, apesar de nunca ter deixado de existir, se amplia com novas características a partir dos anos 1980. Demonstraremos sua repercussão na literatura contemporânea, destacando algumas de suas características no contexto brasileiro, com a intenção de que essa discussão preliminar nos auxilie na análise do caso de Nova Friburgo. Dentre os autores que nos auxiliam nessa análise estão: Alice Rangel de Paiva Abreu (1993), Bila Sorj (1993), Roberto Ruas (1993), Lena Lavinas (2000), Leila Linhares (2000) e Ângela Jorge (2000). Apesar do trabalho

em domicílio não ser algo recente na sociedade, ainda há pouca literatura a cerca desse tema.

No segundo capítulo –“(Re) conhecendo o espaço da produção de moda íntima de Nova Friburgo” - apresentaremos o processo histórico e espacial que resultou na atual organização do trabalho e da produção das confecções de *lingerie* de Nova Friburgo, assim como suas recentes características econômicas e sociais. Destacaremos informações do perfil institucional da produção de moda íntima e sua constituição como arranjo produtivo local. Recorreremos neste momento à bibliografia disponibilizada pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas), FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro), relatórios da fundação Getúlio Vargas, CIDE (Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro), RAIS (Ministério do Trabalho e Emprego), relatórios de campo, dentre outros. No entanto, é fundamental explicar que após a finalização do projeto PROMOS/BID/SEBRAE, em 2006, quase não foram gerados dados atualizados sobre a produção de moda íntima de Nova Friburgo ou do APL como um todo. Até mesmo o relatório mais recente fornecido pelo SEBRAE (2007) utiliza amostragens de, no máximo, 2004-2005. As informações mais recentes (2010 - 2011), apresentadas nessa dissertação, são fruto de um exercício próprio de sistematização e elaboração de tabelas, através do Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET) que contém a base de dados de trabalhadores (RAIS 1985 - 2010) e estabelecimentos (ESTB 1985 - 2010) e de informações quantitativas cordialmente cedidas pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário de Nova Friburgo, além, é claro, de informações e dados primários gerados durante diversos trabalhos de campo.

Ainda no segundo capítulo apresentaremos uma discussão sobre o espaço, categoria analítica que nos auxiliará a cumprir nosso objetivo na análise das transformações contemporâneas que ocorrem na produção domiciliar de peças íntimas em Nova Friburgo. Apresentaremos o caráter intencional de como o espaço produz e é produto da sociedade, além de suas múltiplas dimensões. Para nortear nossa discussão sobre o espaço, utilizamos como principais interlocutores: Henri Lefebvre (1991, 2008), Edward Soja (1983), Nigel Thrift (2004), David Harvey (2006), Doreen Massey (2008) e Milton Santos (2008).

No terceiro e último capítulo – “A força do trabalho feminino em domicílio: características da produção de *lingerie* de Nova Friburgo” -

discutiremos como se organiza o trabalho na produção de moda íntima de Nova Friburgo, destacando a importância da mulher na produção e reprodução desse espaço. Discutiremos algumas das características do trabalho feminino em domicílio, demonstrando como a recomposição desse tipo de relação, até pouco tempo considerada arcaica, fez do município referencial regional e nacional na produção de *lingerie*, e quais as repercussões dessas transformações na vida dessas mulheres e da população local. Utilizaremos como um dos recursos para a elaboração deste capítulo as nossas leituras de teoria e pesquisas sobre a produção local e sobre a mulher no mundo produtivo, tendo como principais interlocutores: Cristina Bruschini (1995), Magda de Almeida Neves (2000), Helena Hirata (2002), Mônica de Martino Bermudez (2005), Regina Célia de Mattos (2005) e David Harvey (2007). Associado à discussão teórica, apresentamos como aspecto principal do referente capítulo a análise elaborada a partir de informações valiosas e dados primários gerados em pesquisa de campo, através do contato direto com os diversos atores envolvidos na organização produtiva e reprodutiva da moda íntima de Nova Friburgo.

Foram realizados trabalhos de campo no primeiro distrito de Nova Friburgo (sede do município), principalmente no bairro de Olaria (principal produtor de *lingerie* e onde se concentra grande comércio varejista ligado ao setor) e no Centro de Nova Friburgo (onde se encontra grande parte dos órgãos e instituições ligados à produção de moda íntima da região). Em Olaria foi possível realizar cerca de 28 entrevistas informais com lojistas, pequenos e médios produtores, além de algumas visitas ao interior de confecções acopladas às lojas. No centro de Nova Friburgo, entrevistamos formalmente a atual Gestora do projeto do APL de Nova Friburgo e Região – SEBRAE; a Secretária de Trabalho e Emprego da Prefeitura Municipal; funcionários da FIRJAN; uma das funcionárias responsáveis pelo Centro de Formação Profissional e Transferência do Vestuário (curso de capacitação oferecido pela prefeitura), o diretor do SINDVEST (Sindicato das Indústrias do Vestuário e Acessórios de Nova Friburgo) e a diretora do STIVNF (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário de Nova Friburgo). Também acompanhamos, durante algumas semanas, o trabalho do sindicato dos trabalhadores, onde foi possível entrevistar/conversar diretamente com 20 trabalhadoras (costureiras) do setor, que compareceram ao sindicato para fazer a rescisão de seus contratos.

Cabe ressaltar que essas entrevistas diretas com as costureiras foram de relevância fundamental para nossa pesquisa, pois nos possibilitou gerar dados primários sobre a composição e características da mão-de-obra do setor, a partir da perspectiva de quem realmente trabalha e vive o dia a dia da moda íntima de Nova Friburgo. O acesso direto a essas mulheres é muito difícil, devido aos diversos elementos de informalidade e até ilegalidade que envolvem suas relações de trabalho, mesmo entre aquelas formalmente contratadas. Dentre as que trabalham em domicílio, há a dificuldade de abrirem as portas de suas residências para revelarem a estranhos suas práticas informais de produção. E, no caso das confecções, é quase impossível uma entrevista sincera com as trabalhadoras sob os olhares dos patrões. Ao perceber tais dificuldades logo nos primeiros campos, decidimos utilizar o sindicato dos trabalhadores como estratégia de contato, o que foi de grande valia e nos possibilitou essa aproximação.

O trabalho de campo, associado à discussão teórica, auxiliou a percepção e compreensão de elementos que estão ocultos nos dados estatísticos e em uma análise superficial da produção.